

L'ÉTRANGER de Camus em LES MISÉRABLES de Hugo

Gustav James Szabo

Embora o romance *L'Étranger*, primeiro grande sucesso literário de Camus, tenha sido analisado por um número considerável de críticos, começando com Jean-Paul Sartre, a origem exata de seu título permanece obscura. Mesmo ao sugerir que ele pode ter sido inspirado pelo primeiro dos *Petits Poèmes en prose* de Baudelaire, intitulado "L'Étranger", Pierre-Georges Castex é o primeiro a admitir que as duas obras são fundamentalmente diferentes.¹ Pierre-Louis Rey rejeita de maneira bastante categórica a composição de Baudelaire como fonte de inspiração do título de Camus, citando (como Castex) a declaração de Camus a Roger Quilliot: "s'il y avait emprunt, il était inconscient et de réminiscence."²

Nosso estudo tem como objetivo determinar se é possível encontrar uma origem mais plausível para o título do romance de Camus, isto é, uma origem que possa melhor elucidar as implicações de ordem semântica desse título numa leitura esclarecida do texto. Na verdade, Herbert S. Gershman examinou a obra em relação a seu título³ (preocupação que nenhuma crítica cons-

1. Pierre-Georges Castex, *Albert Camus et L'Étranger* (Paris: José Corti, 1965), p. 42, 43.

2. Pierre-Louis Rey, *L'Étranger: Camus* (Paris: Hatier, «Profil d'une oeuvre», 1970), p. 14.

3. Herbert S. Gershman, «On *L'Étranger*», in: *The French Review*, Vol. XXIX, 4 (Fevereiro, 1956), p. 299-305.

cienciosa pode evitar), mas duas questões, pertinentes e até mesmo essenciais para nosso objetivo, continuam inexploradas: a da possibilidade de se encontrar uma inspiração literária convincente para a palavra “étranger” e a do uso do termo pelo próprio Camus em momentos decisivos de sua narrativa.

Levando em conta que Camus admitiu a possibilidade de ter sido influenciado ao nível do inconsciente, consideramo-nos justificados em procurar uma fonte que pudesse ter sido conscientemente rejeitada por ele. *L'Étranger* é, afinal de contas, um relatório doloroso e ambíguo de auto-descoberta que reflete, no plano estético, uma preocupação vital do próprio autor.⁴ A esse respeito, a contribuição de Marie Naudin é importante por ter revelado a grande e não reconhecida dívida de Camus a *Le Dernier Jour d'un Condamné* de Victor Hugo, obra que teria inspirado, não só uma parte do plano geral como também aspectos e pormenores específicos de *L'Étranger*.⁵ A razão da reticência de Camus seria, segundo Naudin, que ele não gostava de Hugo nem o admirava.⁶ Devemos notar de passagem que, para a autora, o essencial do personagem de Camus, senão o próprio termo “étranger”, já estava presente na novela de Hugo:

Camus a dû lire ou relire le roman de Hugo. Partant des découvertes de son prédécesseur et de la situation dans laquelle se trouve le héros du *Dernier Jour d'un Condamné*,

4. Como diz Fernande Bartfeld («Camus et Hugo: essai de lectures comparées», in: *Archives des Lettres Modernes*, 2, III, n° 156, 620-622, Paris: Lettres Modernes — Minard, 1975, p. 26): «les conclusions que Camus nous invite à dégager iraient dans deux directions différentes et même opposées selon qu'elles portent sur la société ou sur le monde intérieur du héros.»

5. Marie Naudin, «Hugo et Camus face à la peine capitale», in: *RHLF* (mars-avril, 1972), 72e Année, No. 2, p. 264-273. Germaine Brée também notou as «reminiscences» de Camus em relação a *Le Dernier Jour d'un Condamné* de Hugo (*Camus, Revised Edition*, New Brunswick, N. J.: Rutgers University Press, 1972, p. 116, n. 5).

6. Naudin, «Hugo et Camus», p. 264. A admiração de Naudin por Camus é sóbria e comedida: «L'originalité de Camus réside dans la présentation d'un mort en sursis avant comme après l'accident fatal et dans la parfaite unité de ton conférée à l'ensemble de la narration de Meursault.» (*Ibid.*, p. 272).

Camus fait de Meursault un condamné lui aussi. C'est cette condition même qui rend celui-ci "étranger" par rapport aux autres hommes lorsqu'il entreprend de revivre sa vie passée par la pensée et l'écriture.⁷

Fernande Bartfeld discorda com veemência de tal proposição e empenha-se em provar a originalidade de Camus. Ao fazê-lo, porém, é obrigada, não só a reconhecer muitas analogias entre *L'Étranger* e *Le Dernier Jour d'un Condamné*, como também a ceder a um impulso quase contrário a seu objetivo, mas que está de acordo com o nosso: "Mais une autre oeuvre de Hugo, fort connue celle-là, peut, avec autant de pertinence, être rapprochée de *L'Étranger*, ainsi que nous le verrons, sans diminuer pour autant l'originalité de Camus."⁸ A obra em questão é *Les Misérables*. Bartfeld dedica quatro páginas de seu estudo à comparação entre o julgamento de Champmathieu no romance de Hugo e o de Meursault no de Camus, mesmo considerando que só este último "fait figure d'étranger".⁹ O Champmathieu de Hugo, argumenta ela, "est réellement jugé pour un autre, en sorte que son attitude hébétée d'homme étranger à son procès tient simplement à cette erreur dont il est la victime".¹⁰ O que nos parece essencial neste ponto é o fato de Hugo usar a palavra "étranger" para descrever a percepção que tem Champmathieu de sua própria alienação: "Il était comme un idiot en présence de toutes ces intelligences rangées en bataille autour de lui, et comme un étranger au milieu de cette société qui le saisissait."¹¹

Consideremos, pois, como o termo é utilizado por Camus na obra em questão. É anunciado no próprio título, indicando, naturalmente, o assunto mesmo do romance e ocorre só uma vez no texto. Os adjetivos correlatos "étrange" e "étrangères" ocorrem também uma só vez.

7. *Ibid.*, p. 273.

8. Bartfeld, «Camus et Hugo», p. 3.

9. *Ibid.*, p. 21.

10. *Ibid.*, p. 20.

11. Victor Hugo, *Les Misérables*, I, ed. Marius-François Guyard (Paris: Garnier, 1963), p. 324.

O termo “étrange” é utilizado por Meursault ao referir-se a seu advogado: “Il s’est assis . . . et s’est penché un peu vers moi avec un air étrange: “Pourquoi pourquoi avez vous tiré sur un corps à terre?”¹² Se tivermos em mente a necessidade, aparentemente inexplicável, que tinha Meursault de continuar atirando num corpo já inerte, o adjetivo “étrange” passa a ter uma função recíproca, isto é, indica a mútua alienação de Meursault e de seu advogado.

A palavra “étrangères”, afirma Meursault, tinha sido usada pelo “président” durante o julgamento: “Il m’a dit qu’il devait aborder maintenant des questions apparemment étrangères à mon affaire, mais qui peut-être la touchaient de fort près. J’ai compris qu’il allait encore parler de maman et j’ai senti en même temps combien cela m’ennuyait.”¹³ A expressão “apparemment étrangères” indica, pois, que a alienação de Meursault da sociedade está estreitamente ligada à de sua mãe, assim como ao seu desejo de matar, fatos esses que o deixam desconcertado ao serem revelados publicamente, por estar ele mesmo tentando reprimir a consciência que tem deles.

Finalmente, o epíteto “étranger” é aplicado indiretamente a Meursault, quando sua culpa é proclamada em voz alta para que todos possam ouvir: “le procureur a tonné au-dessus de nos têtes et il a dit: “Oui, MM. les Jurés apprécieront. Et ils concluront qu’un étranger pouvait proposer du café, mais qu’un fils devait le refuser devant le corps de celle qui lui avait donné le jour.”¹⁴ A alienação recebe aqui uma conotação específica com a oposição de “étranger/fils”. Meursault agiu como um estrangeiro ao recusar prantear sua mãe morta. Como diz Henry Slochower: “A insensibilidade superficial de Meursault em relação a sua mãe constitui um matricídio simbólico.”¹⁵

12. Albert Camus, *L’Étranger* (Paris: Gallimard, Poche, 1957), p. 100.

13. *Ibid.*, p. 129.

14. *Ibid.*, p. 134.

15. Harry Slochower, «Camus» *The Stranger: The Silent Society and the Ecstasy of Rage*, *American Imago* 26 (1969), p. 292.

Dá-se que, em *Les Misérables*, há também um jovem herói ou anti-herói, Marius, cuja alienação dos pais está ligada a sua alienação da sociedade, e cuja recusa de prantear a morte do genitor que lhe resta acentua essa alienação e o leva mais tarde à condenação.

Um exame das semelhanças existentes entre os dois casos dificulta qualquer tentativa (como Naudin observou ao comparar *L'Étranger* com *Le Dernier Jour d'un Condamné*)¹⁶ de não eliminar a possibilidade de mera coincidência. O uso feito por Hugo da palavra "étranger" impressiona de modo especial, dado o contexto:

Il [Marius] songea que cet homme était son père et que cet homme était mort, et il resta froid.

La tristesse qu'il éprouvait fut la tristesse qu'il aurait ressentie devant tout autre homme qu'il aurait vu étendu mort.

Le deuil, un deuil poignant, était dans cette chambre. La servante se lamentait dans un coin, le curé priait, et on l'entendait sangloter, le médecin s'essuyait les yeux; le cadavre lui-même pleurait.

Ce médecin, ce prêtre et cette femme regardaient Marius à travers leur affliction, sans dire une parole; c'était lui qui était l'étranger.¹⁷

Poder-se-ia objetar que Meursault perdera a mãe, enquanto Marius perdera o pai. Parece porém significativo que, por uma distorção da lógica do pesadelo, e sem nenhuma razão aparente, Meursault também seja, no final, acusado de *parricídio*.¹⁸ Escondido e, ao mesmo tempo, revelado por esse absurdo jurídico, sobressai o desejo oculto de Meursault de matar o pai,¹⁹ o que era, até este ponto, uma dimensão não suspeitada de sua alienação.

16. Naudin, «Hugo et Camus», p. 266.

17. Hugo, *Les Misérables*, I, p. 748.

18. Camus, *L'Étranger*, p. 149, 150.

19. O próprio Camus indica a viabilidade dessa linha de raciocínio quando, em outro contexto, o promotor declara «qu'il fallait avoir l'ingénuité

Uma vez que consideremos Marius como protótipo de Meursault, bom número de similaridades entre os dois vêm imediatamente ao pensamento. Seus nomes têm sons semelhantes (ligando-se também no nome da namorada de Meursault: Marie). Os dois jovens perdem um dos genitores em um tempo remoto de suas vidas e são informados por escrito (Marius por carta, Meursault por telegrama) da perda do segundo genitor. Em ambos os casos a morte ocorre a certa distância do lugar de residência do filho; Marius vê-se obrigado a viajar de carruagem o dia inteiro, de Paris a Vernon, enquanto que Meursault deve fazer uma viagem de ônibus de duas horas, de Alger a Marengo. Ambos se preocupam mais com as providências a tomar para a viagem do que propriamente com a morte. Ambos revelam predisposição para esquecer o acontecimento, tendo ambos sido filhos negligentes. Ambos encontram o morto atendido por pessoas que lamentam sinceramente o seu desaparecimento; os filhos são meros espectadores, incapazes de sentir, ou mesmo de fingir a dor.²⁰ Ambos tentam imediatamente esquecer o que houve, para descobrirem que não conseguem fazê-lo. A seqüência de acontecimentos tende a destruir o anti-herói, a menos que haja um milagre. Ambos descobrem ter perdido a jovem que amavam. É na lembrança do pai morto que Marius encontra consolo para aquilo que considera

de l'honorable défenseur pour ne pas sentir qu'il y avait entre ces deux ordres de faits une relation profonde, pathétique, essentielle.» (*Ibid.*, p. 142). A natureza edipiana dos motivos de Meursault é discutida de modo interessante e pormenorizado por John Fletcher em seu «Interpreting L'Étranger», *The French Review*, Vol. XLIII, Special Issue, No. 1, Winter, 1970 e comentada por Jean Gassin em «Fils et mère chez Camus: aux origines d'un lien exceptionnel», *Alberto Camus 5, Revue des Lettres Modernes*, Nos. 315-322 (1972), p. 271-273.

20. De fato, Marius tenta fingir o sofrimento: «Marius, trop peu ému, se sentit honteux et embarrassé de son attitude; il avait son chapeau à la main, il le laissa tomber à terre, afin de faire croire que la douleur lui ôtait la force de le tenir. «En même temps il éprouvait comme un remords et il se méprisait d'agir ainsi. Mais était-ce sa faute? Il n'aimait pas son père, quoi!» (Hugo, *Les Misérables*, I, p. 748). Como Meursault, portanto, Marius torna-se consciente de sua alienação antes de ver-se obrigado a confrontar suas conseqüências.

destruição certa.²¹ Revendo o passado, Meursault torna-se consciente de haver maquinado sua própria condenação.²²

Em sua defesa da originalidade de Camus, Bartfeld faz duas concessões importantes: "Tout au plus, la lecture de Hugo aura permis à Camus de prendre conscience de lui-même",²³ e "Camus s'inscrit dans une tradition littéraire ouverte par Hugo et que caractérise le monologue au seuil de la mort."²⁴ A autora pensava no "condamné" mas suas palavras aplicam-se igualmente a Marius, cujo longo monólogo interior, à medida que avança na direção daquilo que considera destruição certa, é entrecortado pelo uso repetido do termo "étranger".²⁵

Mas, se o romance *L'Étranger* foi, como alegamos, inspirado não por uma, mas por duas obras de Hugo, como explicar a razão pela qual Camus negou-se a reconhecer uma dívida literária tão importante? É possível encontrar uma resposta no próprio texto de *L'Étranger*. Meursault adquire auto-conhecimento através de um ato repreensível²⁶ — o assassinio simbólico de sua mãe e,

21. Hugo, *Les Misérables*, II, p. 356-361.

22. «Alors, j'ai tiré encore quatre fois sur un corps inerte où les balles s'enfonçaient sans qu'il y parût. Et c'était comme quatre coups brefs que je frappais sur la porte du malheur.» (Camus, *L'Étranger*, p. 90).

23. Bartfeld, «Camus et Hugo», p. 33.

24. *Ibid.*, p. 27.

25. A esta altura o termo já tomou uma conotação bastante diferente: «Mais Ambiorix luttait contre Rome, Artevelde contre la France, Marnix contre l'Espagne, Pélagé contre les Maures; tous contre l'étranger. Eh bien, la monarchie, c'est l'étranger; l'oppression, c'est l'étranger; le droit divin, c'est l'étranger.» (Hugo, *Les Misérables*, II, p. 359). Está fora do objetivo de nosso estudo examinar as etapas pelas quais Marius, «étranger» ele próprio, reconhece neste ponto um inimigo no «étranger». Também não alegamos que Camus tenha encontrado a inspiração para seu título nessa passagem, a menos que tenha tido uma reação inconsciente à insistência e ao ritmo ali presentes.

26. Aceitamos a conclusão de A. D. Nuttall de que Meursault era um assassino, se for considerado à luz de qualquer modelo objetivo. («Did Meursault mean to kill the Arab? — The Intentional Fallacy», *in*: *Critical Quarterly*, Vol. 10, Nos. 1-2, Spring and Summer 1968, Special Tenth Anniversary Issue, p. 104).

além dela, do pai. Poderia ser que, como escritor, Camus tenha sentido uma necessidade semelhante: a de eliminar a sombra de um predecessor literário ilustre. Não se dera o mesmo com Hugo?²⁷ Já se pode ouvir Camus: “Je comprenais qu’il allait encore parler de Hugo et j’ai senti en même temps combien cela m’ennuyait.” O fato é que o fantasma de Hugo, como o de “maman”, está de tal maneira presente no julgamento de Meursault por homicídio, que não temos necessidade de procurar distinguir se o acusado é um “étranger” fictício ou o próprio Camus.

27. Ver a obra pioneira de Charles Baudouin, *Psychanalyse de Victor Hugo* (Genève: Editions du Mont-Blanc), 1943, esp. Capítulo II, *Le Père et la Mère*, p. 27-46.